13º Seminário
do_co_mo_mo_
brasil
Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019

A LINGUAGEM MODERNA NA ARQUITETURA CAPIXABA: Documentação da obra de Maria do Carmo Schwab

Eixo Temático 2: Inventário e Documentação

Julia Pela Meneghel 1
Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo
juliapelam@gmail.com

Renata Hermanny de Almeida 2
Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo
renatahermanny@gmail.com

Resumo:
Diante de um cenário marcado por recorrentes perdas e desaparecimentos de exemplares arquitetônicos representativos do movimento moderno brasileiro, reconhece-se o arquivo documental e iconográfico como uma forma de resistência alternativa e necessária às constantes perdas identificáveis neste patrimônio, possibilitando sua documentação, reconhecimento e salvaguarda. Tal artigo propõe discutir o processo de inventariação do projeto e obra de Maria do Carmo Schwab, arquiteta de destaque na produção modernista no Espírito Santo, objetivando a identificação de suas particularidades projetuais, a proteção de sua obra – tanto física como documental – e o reconhecimento de sua atuação no território capixaba, além de abranger a discussão da obra modernista nacional para além do eixo principal Rio de Janeiro – São Paulo. Para tanto, realiza-se, primeiramente, o levantamento documental, cujos dados e arquivos encontrados são combinados em um inventário em meio digital composto por quadro síntese de obras, mapeamentos, fichas e acervo iconográfico. Neste processo, enfrenta-se dificuldades no acesso às informações, especialmente junto aos acervos públicos consultados, registrando problemas na catalogação, armazenamento e manuseio. Ainda assim, registram-se 248 projetos desenvolvidos por Schwab, espalhados pelo território do Espírito Santo e concentrados entre as décadas de 1950 e 1980, apresentando uma significativa variedade tipológica com destaque para a arquitetura residencial unifamiliar. Destes, apenas 41 são georreferenciados e cerca de 36 são reunidos com iconografia completa, reforçando a problemática da incompletude de informações presentes nos acervos e destacando, mais uma vez, o valor do arquivo documental enquanto registro histórico, assumindo papel base no entendimento da totalidade de uma obra.
Palavras-chave: Arquitetura Moderna, Documentação, Maria do Carmo Schwab, Espírito Santo.

Abstract:
In a scenario marked by recurring losses and disappearances of Brazilian modern movement's architectural examples, documentary and iconographic archive is recognized as a form of alternative resistance to the constant losses of this heritage, enabling its documentation, recognition and protection. This article proposes the discussion of the inventory process of Maria do Carmo Schwab's work and project, aiming the identification of hers projectual particularities, her work's protection – both physical and documentary – and also her recognition as an important architect in the modernist production in Espírito Santo. In addition, it intends to expand the national modernism's discussion beyond the main axis Rio de Janeiro – São Paulo. To this end, a documentary survey is performed, whose data and files found are combined in a digital inventory composed by a project's synthesis table, mapping, datasheets and an iconographic digital collection. During this process, difficulties are encountered in accessing the data, especially in the public's archives consulted, registering problems in cataloging, storage and

handling. Still, 248 projects developed by Schwab are registered throughout the Espírito Santo's territory, concentrated between the 1950s and 1980s, presenting a significant typological variety with emphasis on single-family residential architecture. Out of these, only 41 are georeferenced and about 36 are gathered with a complete iconography, reinforcing the incompleteness of information present in the archives and highlighting, once again, the documentation's value as a historical record, assuming a base role in understanding a work's totality.
Keywords: Modern Architecture, Documentation, Maria do Carmo Schwab, Espírito Santo.

13º Seminário
do_co_mo_mo_
brasil
Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019

A LINGUAGEM MODERNA NA ARQUITETURA CAPIXABA: Documentação da obra de Maria do Carmo Schwab

Introdução

As constantes perdas de exemplares da arquitetura moderna, sejam por demolição, descaracterização ou dispersão dos acervos, intensificadas se considerarmos os contextos locais além do eixo principal Rio de Janeiro–São Paulo, orientam e justificam a realização de registros históricos e científicos acerca da obra moderna, compreendendo a documentação como importante meio de identificação, reconhecimento e salvaguarda do patrimônio arquitetônico. Muitas vezes, os arquivos documentais são os únicos registros de uma obra arquitetônica perdida, irreversivelmente descaracterizada ou não executada e contribuem, significativamente, para a apreensão e o entendimento da totalidade de uma produção. Inclusive, considerando o contexto mais recente da arquitetura modernista, estes acervos iconográficos se multiplicam se comparados a de estilos de períodos anteriores, apresentando-se muito mais extensos e diversos por conterem, por exemplo, detalhes técnicos, esboços iniciais e relatos de alterações da execução da obra. No entanto, por esta mesma proximidade temporal, percebe-se uma maior dificuldade em reconhecer o valor patrimonial da obra modernista por parte da sociedade civil, instituições e, por vezes, da academia, culminando em seu rápido e silencioso desaparecimento, em um contexto de acelerada substituição do mercado imobiliário. Faz-se, portanto, necessário investir na preservação dos arquivos documentais de arquitetura que, por si só, corresponde a uma iniciativa conservatória segundo Muñoz-Viñas, apontada como preservação informacional, baseada na produção de registros que permitem experienciar o objeto virtualmente (MUÑOZ-VIÑAS, 2005, p.22).

No Brasil e no continente americano em geral, a consciência relativa ao valor documental dos arquivos de arquitetura ainda é muito recente. Assim, muitos destes acervos carecem de uma tutela específica, salvo junto às instituições públicas e privadas que, em grande parte, por não terem a conservação como propósito principal, não fornecem acondicionamento, catalogação e manuseio adequados (GUTIÉRREZ, 2001). No caso dos acervos particulares não é diferente. Apresentando-se, talvez, ainda mais variados por conterem croquis, anteprojetos e detalhamentos, por exemplo, que mostram as várias fases de concepção do projeto, são poucos os arquitetos, familiares ou colaboradores que conseguem manter e conservar tais acervos, considerando as dificuldades com espaço de armazenamento, além de questões financeiras para manutenção e acondicionamento (MOREIRA. et al, 2015, p.143). Neste âmbito, destaca-se a atuação pioneira de algumas instituições brasileiras que acolheram importantes acervos particulares, conforme aponta Gutiérrez (2001), como é o caso da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo que se tornou responsável por arquivos de arquitetos como Victor Dubugras, Rino Levi, Gregori Warchavchik e Ramos de Azevedo e a Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro que iniciou um processo de salvaguarda de projetos realizados pelos próprios alunos desde princípios do século. Ressalta-se, desta forma, a necessidade não somente de evitar a perda de tais acervos, mas, inclusive, de "profissionalizar esta tarefa assegurando a conservação e facilitando a consulta destes acervos para que cumpram com seu inevitável destino social de preservar a memória e fazer crescer o conhecimento" (GUTIÉRREZ, 2001).

Este artigo procura discutir tal tema ao discorrer sobre o processo de documentação e inventariação do projeto e obra da arquiteta Maria do Carmo Schwab, profissional de destaque no contexto da arquitetura moderna no Espírito Santo por seu pioneirismo enquanto arquiteta mulher e capixaba, tendo atuado ativamente entre as décadas de 1950 e 1980 em uma

variedade de programas e escalas. Apesar da relevância quantitativa e qualitativa de sua obra, a arquiteta ainda é pouco reconhecida no cenário local, inclusive, no meio acadêmico, destacando-se uma reduzida produção científica direcionada ao seu projeto e obra. Além disso, o desconhecimento de sua produção, somado às crescentes iniciativas imobiliárias do território, leva ao desaparecimento de muito destes exemplares modernistas, sendo poucos os remanescentes íntegros de sua arquitetura. Esclarece-se, portanto, a necessidade de realizar a identificação e a documentação da obra de Schwab, objetivando o reconhecimento de sua linguagem e a proteção de sua obra, tanto física como documental. Entende-se também a importância em abranger a discussão da obra modernista para outras regiões do país, além dos estudos relacionados às escolas Carioca e Paulista, com o intuito de reconhecer o movimento moderno em sua totalidade e compreender a inserção da produção de outros estados no contexto nacional.

É válido ressaltar, o presente artigo é resultado da combinação dos dados levantados e produtos realizados durante pesquisa realizada junto ao Programa Institucional de Iniciação Científica (PIIC-PRPPG) da Universidade Federal do Espírito Santo, intitulada *Arquitetura Moderna no Espírito Santo – Documentação e conservação da obra de Maria do Carmo Schwab*, e da análise aproximada dos projetos de Schwab, desenvolvida ao longo do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *A linguagem moderna na arquitetura capixaba: a contribuição de Maria do Carmo Schwab*, ambos orientados pela Professora Renata Hermanny. Estes trabalhos representam contribuições significativas, mas ainda escassas ao se considerar a amplitude do tema, para o registro, discussão e interpretação da arquitetura modernista do Espírito Santo e da própria história do estado.

Maria do Carmo de Novaes Schwab

Nascida em 12 de março de 1930 na cidade de Vitória, Espírito Santo, e integrante de uma família tradicional, Maria do Carmo Schwab tem, possivelmente, como sua primeira influência o pensamento progressista de seu avô materno, Henrique de Novaes, engenheiro que ocupa o cargo de prefeito de Vitória por dois mandatos, nos quais se compromete com projetos de urbanização para a capital, e é responsável pela contratação do urbanista francês Alfred Agache para a supervisão do Plano de Urbanização da Cidade de Vitória, em 1945 (MENDONÇA, 2010, p.5). É através de Agache, como ressalta Schwab, que a arquiteta estabelece os primeiros contatos com o tema da arquitetura e do urbanismo, influenciando-a a seguir a carreira.

Ingressa, no ano de 1949, na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, cujo meio acadêmico ainda está desvinculado das discussões acerca do novo estilo arquitetônico ascendente, levando Schwab e outros alunos a acompanharem o trabalho dos modernistas em revistas especializadas e obras publicadas. Ao longo da graduação, atua, por três anos, como estagiária no Departamento de Habitação Popular do da Prefeitura do Distrito Federal, até então o Rio de Janeiro, sob coordenação de Affonso Eduardo Reidy, um dos principais representantes da arquitetura moderna brasileira, tendo a oportunidade de trabalhar diretamente no projeto do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes – o Pedregulho.

Após sua graduação, em 1953, Maria do Carmo Schwab retorna à Vitória e inicia sua atuação no campo arquitetônico como profissional liberal e em uma variedade de instituições de planejamento. Integra, desta forma, junto a outros arquitetos, como Élio Vianna, Marcelo Vivácqua e Dirceu Carneiro o seleto grupo responsável por instaurar o estilo modernista no território capixaba. Ressalta-se, assim, que o processo de instalação da nova arquitetura no Espírito Santo, na década de 1950, corresponde ao auge do movimento moderno no cenário

nacional. Este início tardio se deve, especialmente, pelo contexto socioeconômico do estado, que se encontra despreparado, não dispondo, como apresenta Miranda, “de tecnologia industrial, nem de campo cultural e acadêmico constituído, nem de circulação crítica de ideias” (MIRANDA, 2011, p.4). Ainda apresentando uma arquitetura dominada pelo estilo eclético, o modernismo chega à Vitória simultaneamente à nova política de desenvolvimento adotada pelo governador Jones dos Santos Neves (1951-54), correspondente às medidas assumidas por Getúlio Vargas a nível federal (MURTA, 2000, p.37). Idealizador do desenvolvimento e modernização do estado, Neves integra ao seu governo uma gama de arquitetos modernos formados pela Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro, garantindo maior reconhecimento e espaço no mercado capixaba para a nova arquitetura, tanto por parte da burguesia, como por parte do próprio Estado.

Maria do Carmo Schwab atua até a década de 1980, tanto como autônoma, como funcionária pública, apresentando uma interessante variedade tipológica e de escalas, incluindo residências, escolas, igrejas, hospitais e edifícios particulares e institucionais. Em seu escritório particular, realiza projetos reconhecidos pela sociedade e pela bibliografia cientifica, como a Sede do Clube Libanês do Espírito Santo (1958), o qual ganhou primeiro lugar em um concurso por seu “volume transparente com estrutura independente” (BEBER, 1991, p.47). Trabalha também na Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado do Espírito Santo (SVOPES), ao lado de Élio Vianna e Marcelo Vivácqua; na Caixa Econômica Federal, fiscalizando obras; e também na UFES, primeiramente como diretora do Departamento de Planejamento e Obras, integrando um grupo de trabalho para análise de locais propícios para a instalação do campus (BORGO, 1995, p.70), em seguida, participa, junto ao arquiteto Diógenes Rebouças, do desenvolvimento de um plano urbanístico para a UFES, propondo “a substituição do modelo dos Cemunis por uma organização de edifícios laminares” (INHAN, MIRANDA, ALBERTO, 2016, p.244) e, mais adiante, atua como arquiteta da instituição, participando, assim, do processo de construção da universidade.

A arquiteta trabalha ativamente até o ano de 1981, exercendo, inclusive, um importante papel na fundação do Instituto de Arquitetos do Brasil no Espírito Santo (IAB - ES), quando, por motivos de saúde, afasta-se de suas atividades profissionais. Atualmente, aos 89 anos, segue interessada na profissão, mantendo memória vívida de suas experiências e armazenando, em sua residência, um rico acervo documental de extrema relevância para preservação de sua obra.

Inventário do projeto e obra: métodos e resultados

O processo de documentação da obra de Maria do Carmo Schwab se organiza em dois momentos principais: no primeiro, realiza-se o levantamento documental combinando revisão bibliográfica, realização de entrevistas, visitas a campo e pesquisa junto a acervos públicos e privados; no segundo, combinam-se as informações e iconografias encontradas, conformando um inventário composto por um banco de dados em meio digital, quadro síntese de registros de projetos e obras, mapeamento da produção georreferenciada e fichas de inventário individuais, possibilitando a análise do conjunto em diferentes escalas de aproximação.

Durante a etapa de levantamento, enfrenta-se grande dificuldade no acesso às informações, especialmente em relação aos arquivos públicos procurados, que, muitas vezes, não possuem um sistema de catalogação adequado, impossibilitando o acesso democrático ao arquivo documental. Nesta pesquisa são consultados os acervos públicos da Prefeitura Municipal de Vila Velha, Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Espírito Santo (CREA-ES), Prefeitura Universitária da UFES e Prefeitura Municipal de Vitória, além de outras

prefeituras municipais que não responderam as solicitações de acesso. Alguns destes registram sinistros e perdas significativas do acervo ao longo dos anos. Em outros, inclusive, o acesso aos documentos foi impossibilitado por completo pela não existência de um sistema unificado para registro do arquivo sob tutela. Além disso, as visitas revelam, não só problemas de armazenamento, mas também o despreparo no manuseio, tratamento e conservação dos documentos, também devido ao caráter operacional de tais, apresentando, ainda que legível, um material deteriorado por dobraduras, manchas, partes faltantes, adição de fitas adesivas e escritos posteriores. Ainda assim, alguns destes acervos, especialmente o da Prefeitura Municipal de Vitória e da Prefeitura Universitária da UFES são essenciais para o levantamento das obras, possibilitando o contato com dezenas de pranchas técnicas de aprovação e dados primários acerca das obras.

Em relação aos acervos privados, apresentam-se, muitas vezes, com uma maior variedade de dados e documentos, como fotografias, croquis e gráficos, no entanto os problemas de espaço e armazenamento permanecem. No caso do acervo particular de Maria do Carmo Schwab, mantido em sua própria residência, apesar da existência de um sistema simples e manual de organização, a arquiteta afirma ter perdido muito, pelo acesso de terceiros. Preocupa-se também com o destino deste acervo, no futuro, considerando a não existência de familiares próximos no estado ou instituições disponíveis para o recebimento, especialmente no Espírito Santo, o que impossibilitaria o acesso por parte da academia e da sociedade mais interessada, culminando em seu esquecimento e, assim, no seu desaparecimento. Já no acervo pessoal da Professora Clara Miranda, encontra-se fácil acesso e manuseio, por corresponder a um arquivo em meio digital agrupado, previamente, durante pesquisa relativa ao tema, apresentando uma rica variedade de iconografias.

Quanto à revisão bibliográfica, revela-se um número restrito de publicações referentes ao modernismo no Espírito Santo. Este se reduz ainda mais, se considerarmos apenas a obra de Maria do Carmo Schwab. São encontrados, predominantemente, estudos realizados na própria Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), especialmente monografias de graduação de Arquitetura e Urbanismo (BEBER, 1991; MATTOS e SILVA, 1987; MURTA, 2000) e produtos de pesquisa realizada pela Professora Clara Miranda (MIRANDA, 2010; MIRANDA, 2011), que se mostram, em parte, desatualizados e com discussão direcionada aos mesmos projetos, carecendo de uma abordagem da totalidade da obra. Também são de grande importância as entrevistas realizadas com a arquiteta, tanto no que diz respeito ao acesso à lista de registros de projetos de seu acervo pessoal, como às particularidades dos relatos contados por Schwab. Além disso, para o georreferenciamento de projetos e análise do estado de conservação, tira-se partido do reconhecimento visual destas edificações na cidade através de visitas a campo e de sistemas de mapeamento online, que auxiliam a identificação das obras no território.

A partir dos dados levantados durante a primeira etapa, registram-se 248 projetos desenvolvidos pela arquiteta Maria do Carmo Schwab, espalhados por todo o território do estado do Espírito Santo, desde o sul, em Guaçuí, Alegre e Cachoeiro de Itapemirim, até o norte, em Colatina e Linhares, por exemplo. Concentram-se, no entanto, na Região Metropolitana, mais especificamente, nas cidades de Vitória e Vila Velha, especialmente por apresentarem condições econômicas e sociais mais favoráveis ao recebimento do novo estilo ascendente. Juntas, as duas cidades reúnem mais de 66% do total da produção. Entende-se que a amplitude territorial e quantitativa reconhecida em sua produção se justifica tanto por sua relação próxima à burguesia da época, enquanto integrante de uma família tradicional da capital, bem como pela sua atuação no governo estadual.

Desta totalidade de projetos, 142 são executados, conforme indicação de fontes primárias e secundárias, outras 76 não saíram do papel e os 30 projetos restantes não apresentam

informações referentes a construção e os dados existentes não são suficientes para verificação em visitas de campo, confirmando, ainda assim, que quase 60% da sua obra conhecida é executada.

Reconhece-se, ainda, que a atuação de Maria do Carmo Schwab, usualmente tratada entre as décadas de 1950 e 1980, avança, na verdade, até a primeira metade da década de 1990. É válido destacar que, apesar da própria arquiteta afirmar ter deixado de praticar a profissão em 1981, por motivos de saúde, a pesquisa nos aponta que ela segue projetando, ainda que pontualmente, ao longo da década de 1980 até o início de 1990, com um último registro de projeto em 1993. No âmbito temporal, as décadas de 1960 e 1970 se destacam quantitativamente, concentrando quase 50% das obras registradas, correspondendo claramente ao período de maior produção modernista no cenário capixaba, além do contexto de modernização e expansão urbana, através de planos territoriais e aterros, por exemplo, favorecendo também a implantação do estilo moderno.

Ainda que apresente uma ampla variedade em sua obra, alternando entre as mais diversas tipologias, destaca-se sua produção enquanto autônoma em relação à tipologia residencial unifamiliar, desenvolvendo um total de 115 projetos deste caráter, quase 50% da totalidade. Destes, 85 são projetos arquitetônicos de residências particulares e 30 são projetos de reforma e ampliação, sendo que, juntos, representam um total de 83 projetos residenciais executados. Os outros 50% correspondem a uma diversidade de projetos, desenvolvidos enquanto autônoma e funcionária pública, variando entre obras residenciais multifamiliares, institucionais, comerciais e urbanas, e, assim, indicando a versatilidade da arquiteta em uma atuação nas diferentes escalas da arquitetura: a cidade, o edifício e o detalhe.

Durante a pesquisa documental, compôs-se um banco de dados em meio digital, que reúne 36 obras da arquiteta, contendo material suficiente para uma aproximação mais detalhada, tanto na escala particular do projeto, bem como para a análise em conjunto da produção. Tais documentos também revelam a relevância das obras residenciais unifamiliares, uma vez que, aproximadamente, 50% destes se referem à residenciais unifamiliares, contando, também, com reformas e ampliações. Também é inventariada a iconografia levantada referente a outros projetos de Schwab, que, apesar da relevância para a compreensão de sua atuação como um todo, dispõem de dados e documentos limitados, impossibilitando uma análise minuciosa particularizada. Esse conjunto é resultado, especialmente, da combinação de arquivos levantados junto aos acervos públicos da Prefeitura Universitária da UFES e da Prefeitura Municipal de Vitória, ricos em pranchas técnicas de aprovação e modificação de projetos, e do diversificado acervo particular da Professora Clara Miranda, contendo fotografias, croquis, pranchas de apresentação, entre outros. Desta forma, ainda que em quantidade restrita, considerando a totalidade da produção da arquiteta, o banco de dados se apresenta como uma resistência alternativa para a lógica de rápida substituição do mercado imobiliário, preservando, em parte, a história da cidade e permitindo, assim, o reconhecimento da linguagem projetual da arquiteta Maria do Carmo Schwab.

O mapeamento da obra da arquiteta, elaborado simultaneamente ao quadro de registros e à composição do banco de dados com auxílio do software QGIS, na versão 2.18.13 ‘Las Palmas’, reforça a problemática da incompletude de informações presentes nos arquivos de arquitetura ao serem georreferenciados apenas 41 projetos dos 248 registrados, totalizando pouco mais de 15% da sua obra. A perda se intensifica ainda mais se considerado que uma parcela deste número foi localizada através de visitas pela cidade e da análise de imagens aéreas, expondo, inclusive, a escassez de dados primários, como implantação e localização. Destaca-se, também, que as obras georreferenciadas se concentram apenas nas cidades de Vitória e Vila Velha, o que se justifica não somente pela representatividade destas cidades no

contexto capixaba, mas, em especial, pelos acervos acessados corresponderem a arquivos de instituições localizadas nestes municípios.

O Mapeamento de Obras de Maria do Carmo Schwab – Recorte Tipológico (Figura 1) apresenta, ainda que em quantitativo reduzido, a versatilidade da arquiteta, perceptível na variedade de escalas, tipologias e soluções adotadas em seus projetos. Destacam-se, por exemplo, projetos residenciais multifamiliares como o Edifício Barcellos (1959), localizado no Centro de Vitória, e um condomínio de casas geminadas em Vila Velha, o Conjunto Plácido Barcellos (1961). Além disso, identificam-se um significativo número de obras institucionais, como o Hospital Evangélico de Vila Velha (1958), a Sede Social do Clube Libanês (1958) e alguns projetos para o Campus de Goiabeiras da UFES, como o Escritório de Campo 'Catetinho' (1967) e a Capela Ecumênica (1980-81) – concebida em planta circular. Inclusive, alguns dos projetos propostos para o campus universitário se aproximam da escala urbana por suas abordagens e dimensões, como é o caso do plano para o Centro Tecnológico (1973), propondo desde o planejamento espacial até o detalhamento dos laboratórios, e do edifício do Restaurante Universitário e Centro de Convivência (1976), pensado em blocos de grandes proporções que se tornam um referente e grande espaço público para a universidade e o entorno (MENEGHEL. ALMEIDA, 2018, p.3489). Ainda assim, reafirma-se, a partir dos mapas gerados, a tipologia residencial unifamiliar como predominante na obra da arquiteta, mostrando que, das 41 obras georreferenciadas, 20 correspondem a residências unifamiliares, apresentando-se dispersas pelo território, mas concentradas no novo centro urbano da capital. É válido ressaltar que a tipologia residencial unifamiliar também é significativa no âmbito temporal da carreira de Schwab, constituindo representatividade na produção das quatro décadas de atuação da arquiteta.

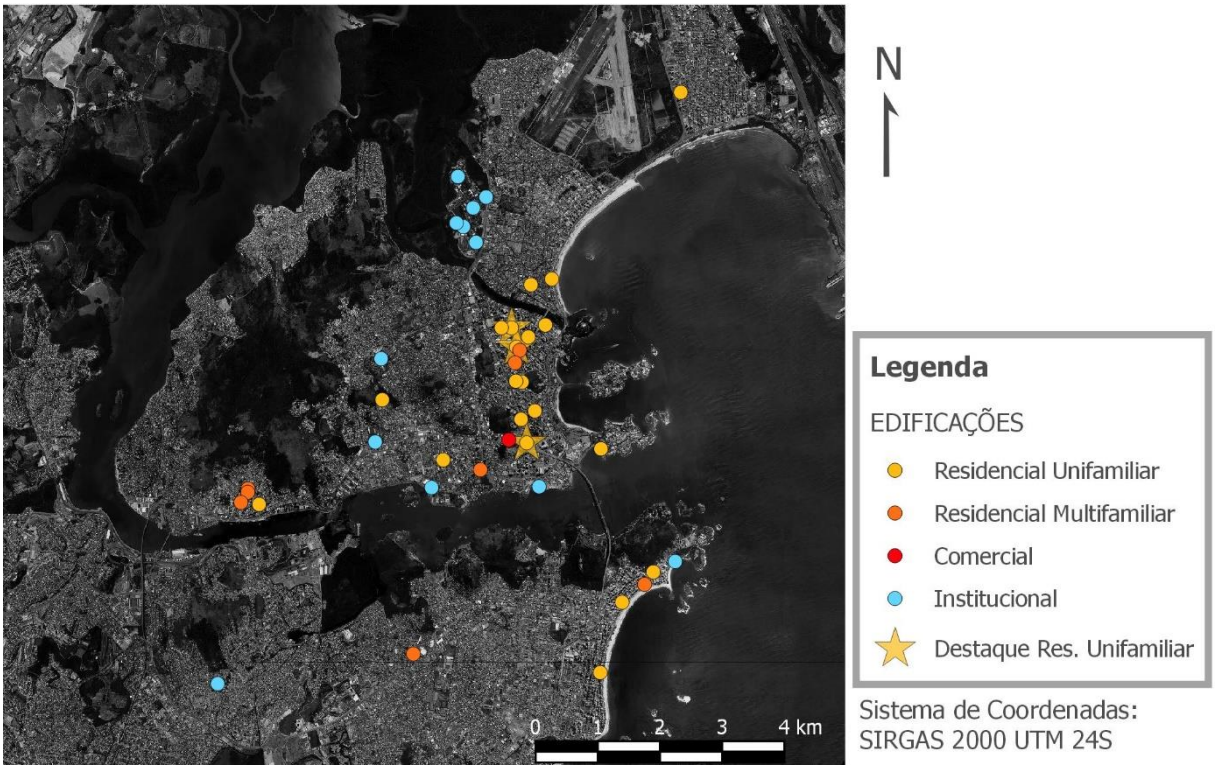

Figura 1: Mapeamento de Obras de Maria do Carmo Schwab – Recorte Tipológico.
Fonte: produzido por Meneghel, 2018.

Ressalta-se, portanto, a representatividade da tipologia residencial unifamiliar na obra de Maria do Carmo Schwab, destacando-se quantitativa e qualitativamente, tanto no espaço

temporal, assim como no âmbito das soluções espaciais e estéticas do repertório da arquiteta, permitindo uma aproximação ao reconhecimento da linguagem projetual de Schwab. Além disso, as residências unifamiliares correspondem à tipologia com maior variedade de dados e iconografia disponíveis, possibilitando, desta forma, uma maior compreensão da obra. Para tanto, tira-se partido de tais projetos para a apresentação e discussão do repertório na obra de Maria do Carmo Schwab e as relações estabelecidas com a cidade.

Três fases de uma arquitetura

A partir dos projetos residenciais unifamiliares inventariados, identificam-se três momentos de destaque na produção da arquiteta Maria do Carmo Schwab: o primeiro, correspondente ao início de sua atuação profissional, muito se aproxima da linguagem dos volumes brancos, cúbicos e sem ornamentos de cobertura horizontal que fica conhecida como Estilo Internacional; no segundo, já no final da década de 1960, iniciam-se as experimentações técnicas e estéticas particulares da obra de Schwab; e, por último, expressa-se uma linguagem amadurecida, na qual se reconhecem soluções que se destacam pela “franqueza tectônica” dos volumes e dos materiais (MENEGHEL, 2018, p.226). É válido ressaltar, estas fases são determinadas pelo reconhecimento visual das principais características definidoras das soluções residenciais adotadas pela arquiteta, agrupando-as por suas similaridades e diferenças. Além disso, destaca-se que estes três momentos de sua obra não correspondem a recortes rígidos em sua produção, podendo ocorrer interações entre as soluções adotadas e, até mesmo, a sobreposição temporal destas.

Para discutir e apresentar estes três momentos da arquitetura residencial de Maria Carmo Schwab, opta-se por expor três projetos desenvolvidos pela arquiteta (em destaque na Figura 1 e na Figura 3), cada um correspondente a uma destas fases, a fim de apresentar seu variado repertório arquitetônico e indicar a possível construção de uma expressão técnica-estética particular da arquiteta. Os projetos selecionados são a Residência Francisco José Vervloet (1962), a Residência Eli de Barros (1968) e a Residência Marco Aurélio dos Santos Gomes (1974) que bem caracterizam a transformação na obra de Schwab e podem ser visualizadas na imagem a seguir (Figura 2).

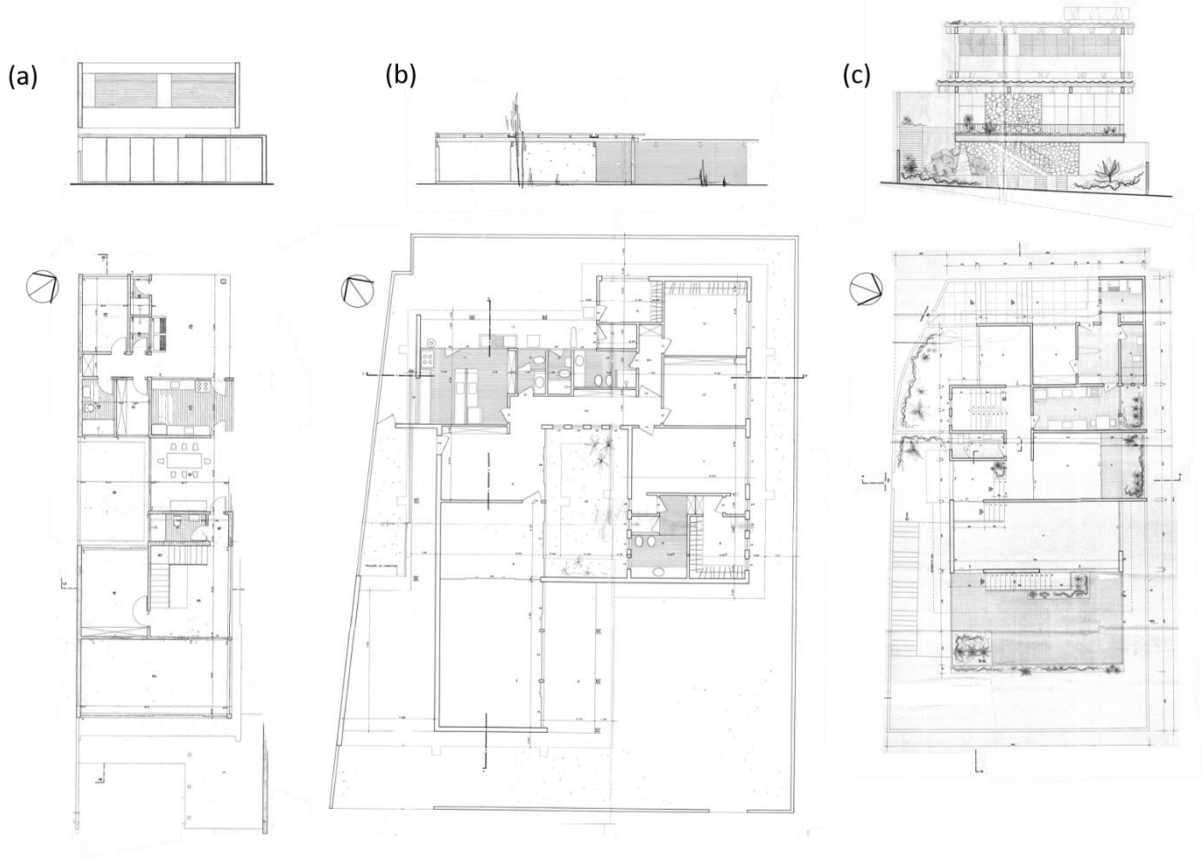

Figura 2: Fachada frontal e planta baixa do pavimento principal das Residência Francisco José Vervloet (a), Residência Eli de Barros (b) e Residência Marco Aurélio dos Santos Gomes (c).
Fonte: Arquivo Prefeitura Municipal de Vitória.

Fase Inicial: Residência Francisco José Vervloet (1962)

Localizada em uma região residencial no atual bairro da Praia do Canto, em Vitória, este projeto é concebido como um volume retangular branco e simples de dois pavimentos, marcado pela laje plana que corta horizontalmente o bloco principal e avança frontalmente, apoiando-se sobre pilotis de seção circular. Este é apreendido, externamente, como dois blocos: um frontal de dois pavimentos e um posterior térreo em forma de “L”, acrescidos do volume horizontal da laje plana frontal, que define o espaço externo.

Implantada em um terreno retangular bastante estreito, a edificação de planta em “U” se organiza em torno de um jardim retangular central, alocado junto a um dos limites laterais do terreno, bem como a própria residência. A distribuição interna dos ambientes no pavimento térreo mantém clara a setorização dos espaços, dividindo as áreas social e de serviços, enquanto a íntima se concentra no pavimento superior. Percebe-se, claramente, a preocupação da arquiteta com o conforto térmico da residência, dispondo, preferencialmente, todos os ambientes de permanência, como dormitórios e área social, voltados para as melhores orientações das fachadas, além de adotar soluções diversas para as esquadrias, como o vidro translúcido ou as venezianas em madeira, considerando os níveis de insolação solar e os ventos dominantes.

A residência mantém a linguagem do modernismo internacional, adotando a ideia de uma edificação simples, de geometria bem definida e acabamento funcional, marcada pela horizontalidade da cobertura, tanto nas platibandas do telhado embutido, como na laje plana do pavimento térreo que divide o bloco principal. Esta laje, junto aos pilotis e a alvenaria lateral de suporte, cria uma espécie de pórtico frontal que destaca o acesso principal e define um amplo espaço externo coberto. Além disso, propõe-se, na fachada frontal, entre a laje da marquise frontal e a laje do segundo pavimento, pequenas janelas de 40cm de altura, garantindo iluminação diferenciada ao ambiente interno e criando um interessante efeito em fachada – um vazio sombreado que solta o segundo pavimento do térreo. Ainda na fachada principal, destaca-se um detalhe sutil, mas relevante, que é o prolongamento em poucos centímetros das paredes laterais externas do segundo pavimento, marcando verticalmente as extremidades.

As variações de soluções para as esquadrias também são bastante interessantes, como visto na elevação frontal, criando um jogo de cheios e vazios. Esta combina a transparência do vidro no andar térreo para ampliar os ambientes internos, unificando interior e exterior, e a opacidade da madeira nas venezianas no pavimento superior, que garantem privacidade, bem como a proteção solar e a livre circulação do ar. Algumas destas aberturas são bastante amplas, apresentando, por vezes, vãos da laje de piso a laje de cobertura, além de esquadrias que não se limitam a geometria dos cômodos, ultrapassando-as, como é a janela em fita disposta na fachada lateral que se expande por toda o comprimento da sala de jantar e cozinha. Tais possibilidades são garantidas pelo sistema estrutural em concreto, no esquema pilar-viga-laje comumente adotado na arquitetura moderna. Apesar da adoção de alguns materiais diversos, como a madeira das portas e janelas e dos brises fixos sobre estas e a estrutura metálica, aparentemente utilizado nos três pilotis de seção circular da varanda frontal, preserva-se a unidade visual da edificação através da pintura branca sobre estrutura, alvenaria e esquadrias, compondo uma obra sem ornamentos e disparidades de cores e texturas.

Tal obra, hoje já demolida, tem como seu último registro íntegro, apenas com pequenas modificações pontuais, uma fotografia do ano 2000, produto da monografia de graduação da arquiteta Luciana Murta (2000). Atualmente dá lugar a um edifício residencial multifamiliar verticalizado, como vem comumente acontecendo na região do entorno, representando uma significativa perda material para a obra moderna capixaba.

Desta forma, a partir da leitura aproximada da Residência Francisco José Vervloet, ressalta-se, apesar de certas particularidades, uma arquitetura inicial ainda muito ligada e referenciada àquela produzida no modernismo internacional, também no seu período inicial e que se expande mundialmente nas décadas de 1920 e 1930, caracterizando-se, especialmente, pela clareza e simplicidade da superfície continua garantida pelo revestimento em pintura branca, pela determinante horizontal da cobertura e por uma geometria bem definida, purista e sem ornamentos (MENEGHEL, 2018, p.240).

Fase Intermediária: Residência Eli de Barros (1968)

Implantada em um terreno trapezoidal no bairro de Santa Helena, em Vitória, a edificação é proposta como um volume único térreo de cobertura plana, organizado em torno de um átrio central descoberto, que articula os diferentes setores da residência. A planimetria se dá em forma de “U”, tendo um dos braços mais alongados, aproximando-se da rua e abrindo-se lateralmente. Como abordado anteriormente, a arquiteta garante uma setorização clara do espaço interno, instalando no braço esquerdo o setor social; no direito, o íntimo; e no posterior, o setor de serviços, que se estabelece entre os dois anteriores. Preserva, aqui também, sua preocupação com o conforto térmico, perceptível na distribuição dos cômodos internamente

e nas soluções adotadas em fachada, como nas paredes cegas voltadas à fachada principal devido aos altos índices de insolação da mesma.

É perceptível, a partir deste projeto, soluções técnicas-estéticas que podem ser consideradas inovadoras no repertório da arquiteta até então e que se tornam determinantes para a composição do projeto. Primeiramente, o sistema estrutural ganha destaque externamente, apresentando-se sem revestimentos e diferenciados da vedação, expressando a racionalidade da obra. Inclusive, seus elementos recebem tratamentos particulares como na sobreposição de vigas de cobertura no núcleo social da residência, que se prolongam nas extremidades livres da edificação, reforçando as linhas e ângulos retos do projeto. Ainda, no vão gerado entre as malhas de viga sobrepostas são instaladas telas que permitem a passagem de luz e ventilação natural. Já os pilares externos, que apoiam o prolongamento da cobertura na varanda, são propostos associando peças em concreto aparente, representadas pelas vigas de cobertura e pilaretes de altura semelhante àquelas, interligadas por duas peças em madeira alocadas nas faces laterais, criando um vazio central e atribuindo, assim, leveza e autenticidade ao elemento estrutural.

Além destas, o desenho da cobertura se destaca pela adoção de novos materiais e pela exposição da estrutura do telhados, calhas e telhas, multiplicando as linhas horizontais em fachada. Substitui-se, assim, os telhados embutidos por uma cobertura de baixa inclinação em telhas de fibrocimento, intercaladas com largas calhas de concreto aparente, que se projetam externamente junto aos amplos beirais. Inclusive, Schwab integra novos materiais, contrastando referências modernas e tradicionais ao associar o concreto aparente, o revestimento em pintura branca, a madeira, o vidro, a tela e as telhas onduladas em fibrocimento. A arquiteta aparenta, desta forma, destacar em fachada elementos antes revestidos e mascarados, a fim de tirar partido estético-formal da verdade dos materiais e dos elementos construtivos.

Reconhecem-se, também, particularidades relacionadas ao desenho das esquadrias da edificação, que, além das portas e janelas em venezianas de madeira, alongando-se do piso às vigas de cobertura, revela-se a reinterpretação das janelas em fita nas basculantes propostas por Schwab nos banheiros e quartos de vestir. A arquiteta propõe esquadrias quadradas de 60x60cm posicionadas em linha reta e afastadas uma das outras por um valor menor do que sua largura, o que garante a linearidade e horizontalidade das janelas em fita, porém com uma solução particular. Tal elemento integra o repertório de Schwab, sendo utilizado em muitos projetos posteriores.

Apesar de localizada em uma região que vem sofrendo muitas modificações desde a instalação da Terceira Ponte – Ponte Deputado Darcy Castello de Mendonça, concluída no final da década de 1980, a edificação se apresenta, visualmente, bastante conservada. No entanto, a partir de dados coletados na Prefeitura Municipal de Vitória e em contato com os próprios proprietários, revela-se que muitas modificações foram realizadas no projeto antes de sua execução, especialmente no que diz respeito às soluções estéticas adotadas, inclusive por divergências entre os proprietários e a arquiteta. A cobertura em telhas de fibrocimento foi substituída por um telhado embutido e platibandas, o destaque dado a estrutura foi suprimido, adotando o revestimento em pintura branca para os elementos de suporte e para a vedação e as esquadrias foram substituídas por outras de formatos e dimensões diferentes, além de algumas intervenções planimétricas pontuais. Tais intervenções descaracterizam o projeto pensado por Schwab, excluindo, em especial, todas as soluções particulares e inovadoras adotadas pela arquiteta que vão continuar no repertório dos projetos seguintes.

Destaca-se, portanto, a partir da aproximação a Residência Eli de Barros, em relação ao segundo momento da arquitetura de Schwab, um volume em bloco único, térreo, de forte horizontalidade, movimentado por adições e subtrações e que segue apostando em linhas

simples para a composição da obra. Contudo, nesta fase, são inseridas novas soluções técnicas que influenciam, diretamente, na expressão formal do projeto, como a exposição e o desenho particular dos elementos estruturais e do próprio telhado, adicionando-se novas linhas de destaque à fachada (MENEGHEL, 2018, p.240).

Fase Consolidada: Residência Marco Aurélio dos Santos Gomes (1974)

Implantada em um terreno retangular em aclive no bairro Barro Vermelho, em Vitória, a edificação se desenvolve em diferentes níveis, conformando um volume único de três pavimentos – sendo um destes semienterrado – marcado pelo ângulo ortogonal, pelas variáveis horizontais e pela combinação de diversos materiais. Maria do Carmo Schwab, que sempre se mostra bastante atenta às condicionantes naturais do terreno, neste projeto avança ao tirar partido da topografia natural deste para a concepção projetual, propondo uma residência em níveis que se articula por meio de escadas internas e externas.

A planimetria do projeto se dá em formato retangular, com alguns acréscimos e subtrações, resultando em reentrâncias no corpo principal, enquanto o pavimento superior, que recebe o setor intimo da residência, também de formato retangular, porém em dimensões menores, emerge de forma quase central ao pavimento inferior. Mais uma vez, a setorização dos espaços internos é garantida, assim como o conforto térmico da residência, considerando os níveis de incidência solar e os ventos dominantes para a distribuição dos ambientes e nas soluções das esquadrias. Mais uma vez, a arquiteta integra o vidro e as venezianas em madeira para a solução das aberturas da residência, assim como seus desenhos particulares, incorporando, também neste projeto, as básculas quadradas tanto em sequência linear, no pavimento principal, como em disposição irregular para as esquadrias da escada interna.

Aqui, a relação estabelecida entre os cômodos internos e os jardins se apresenta de forma diversa. Nota-se, primeiramente, em uma variedade de ambientes, desde o depósito no térreo até a sala de jantar e a cozinha do primeiro pavimento, o prolongamento das paredes até o encontro com o limite lateral do terreno, conformando, junto a estes, pequenos jardins laterais individuais para os quais se abrem o interior. Na sala de jantar, propõe-se, até mesmo, uma pequena varanda como transição entre interno e externo. Outra solução interessante, também buscando esta integração com a natureza, é a proposição de um jardim sobre a laje do terraço frontal, que exige resoluções técnicas específicas para execução. Além disso, ainda que de dimensão restrita, a arquiteta projeta um jardim interno junto a escada no hall de entrada social da residência, reforçando a intenção de integrar interior-exterior, seja pelas grandes superfícies translúcidas ou a partir da inserção de elementos naturais nos ambientes internos.

A estrutura em concreto, solucionada no esquema pilar-viga-laje, destaca-se, externamente, em seu estado bruto. A arquiteta aposta nas vigas de cobertura em concreto aparente, prolongando-as e as cruzando nas extremidades livres da edificação, reforçando o ângulo reto dos vértices do volume. Destaca-se, enquanto solução particular, aquela adotada para o único pilar do pavimento térreo, resolvido em perfil de tronco de pirâmide de base quadrada e em concreto aparente, que apoia a laje da varanda superior, atribuindo autenticidade ao desenho estrutural. Ainda, a laje que este apoia recebe acabamento diferenciado ao ter sua extremidade frontal arredondada, fugindo do comumente identificado na obra da arquiteta.

Externamente, a cobertura plana em telhas de fibrocimento, que se torna uma referência dos projetos de Schwab a partir do final da década de 1960, ganha ainda mais força compositiva com a multiplicação das linhas de cobertura, resultante dos variáveis níveis da residência. Somada às calhas em concreto aparente, à estrutura de madeira de suporte para o telhado, à caixa d'água em concreto e aos próprios elementos estruturais, a arquiteta tira partido da transparência construtiva para reforçar a racionalidade de seus projetos. Também são

estabelecidos contrastes entre os materiais modernos e tradicionais utilizados, combinando o concreto aparente, a pedra em seu estado natural, o revestimento em pintura branca, a madeira, o vidro e as telhas de fibrocimento.

Atualmente, apesar de apresentar problemas de manutenção e algumas intervenções posteriores como pintura, substituição de guarda-corpo e prolongamento da cobertura do terraço, a Residência Marco Aurélio dos Santos Gomes se mantém bastante conservada no que diz respeito a composição externa da residência, preservando as soluções técnicas expostas anteriormente. Mantém-se, desta forma, representativa do repertório e da arquitetura racional de Maria do Carmo Schwab.

A partir da leitura da Residência Marco Aurélio dos Santos Gomes, compreende-se que, em relação a fase consolidada da atuação de Schwab, as residências são comumente solucionadas em dois pavimentos, conformando um bloco menor apoiado, não centralmente, sobre outro mais alongado. Em alguns projetos, como o aqui apresentado, “a interação entre os blocos se multiplica, observando-se uma justaposição e interpenetração dos volumes e conferindo movimento a totalidade, reforçados pelos diferentes planos de cobertura gerados” (MENEGHEL, 2018, p.240). A estética racional da obra se consolida, tirando partido do repertório particular desenvolvido pela arquiteta e se expressando formalmente através da verdade construtiva e da franqueza dos materiais.

Considerações Finais

Compreende-se, desta forma, um processo de transformação na linguagem da arquiteta Maria do Carmo Schwab, partindo de um repertório ainda muito referenciado à obra clássica do modernismo internacional e nacional e avançando na construção do seu próprio repertório, através da assimilação de diversas influências, constituindo, assim, uma expressão estética-formal particular e caracterizadora de sua obra. Inclusive, ressalta-se, a discussão e o reconhecimento apenas são possíveis através do material iconográfico levantado junto aos acervos públicos e privados, assumindo, assim, papel base e ponto de partida para a pesquisa referente a obra da arquiteta capixaba. O arquivo documental ganha ainda mais relevância ao considerarmos as constantes perdas, físicas e materiais, identificadas no processo de levantamento, como pode ser visto no Mapeamento de Obras de Maria do Carmo Schwab – Recorte do Estado de Conservação (Figura 3).

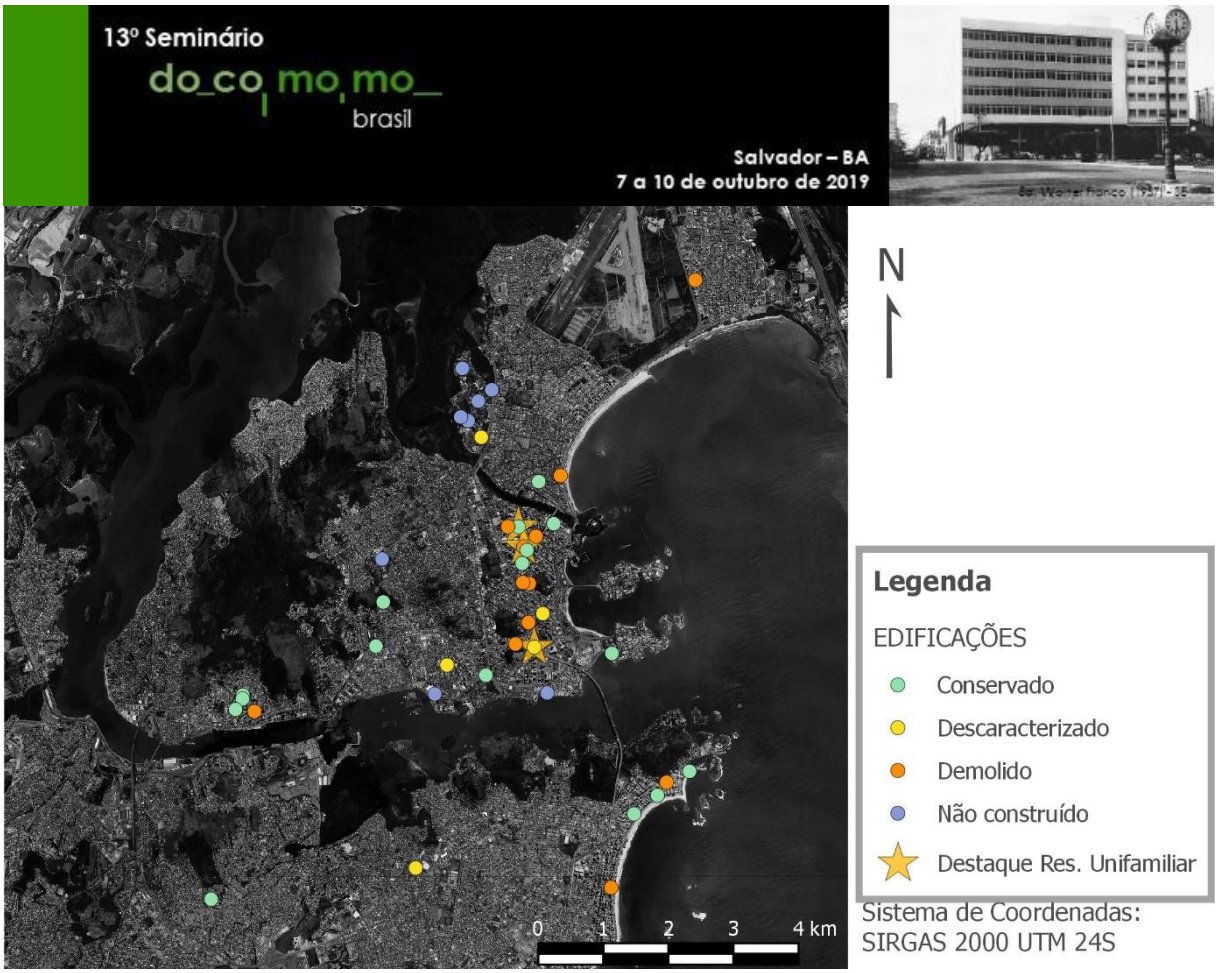

Figura 3: Mapeamento de Obras de Maria do Carmo Schwab – Recorte do Estado de Conservação.
Fonte: produzido por Meneghel, 2018.

A partir do mapeamento, identifica-se que, dos 33 projetos edificados e georreferenciados, 16 se mantém íntegros e seguem representando a linguagem da arquiteta, ainda que tenham sofrido pequenas intervenções posteriores, enquanto 5 foram descaracterizados, parcial ou integralmente, e os outros 12 demolidos. Se focada apenas na tipologia residencial unifamiliar, esse número reduz ainda mais, destacando-se que, dos 20 projetos residenciais unifamiliares georreferenciados, apenas 6 se mantém conservados, 3 sofreram descaracterizações e os outros 11 foram demolidos. Estes dados mostram que, além dos problemas relativos à documentação e ao registro da obra arquitetônica que dificulta sua identificação no território, enfrenta-se uma significativa e rápida perda desta produção. Ao abordar a totalidade da obra, identifica-se, até o momento, apenas 6 residências unifamiliares conservadas em um total de 83 projetos residenciais executados da arquiteta, resultando em menos de 10%. É claro que o banco de dados gerado, ainda que reduzido, amplia o conhecimento acerca desta obra, porém as pranchas, desenhos e fotografias só permitem que a discussão prossiga até certo ponto, fazendo falta o contato direto, a vivência da própria arquitetura.

Tais perdas são motivadas tanto pela troca de proprietários e alterações de uso, através de modificações funcionais e estéticas visando às novas demandas da edificação, assim como, e se acredita que na maioria dos casos, pela ação do mercado imobiliário em zonas de expansão urbana que realizam uma rápida substituição dos imóveis precedentes por empreendimentos de grande porte. Através de uma leitura aproximada das relações estabelecidas entre arquitetura e cidade, pode-se, claramente, perceber esta direta ligação entre os processos de desenvolvimento e evolução das cidades com o surgimento e desaparecimento destas arquiteturas. Pretende-se, desta forma, discutir tais transformações por meio das três residências abordadas previamente.

A Residência Francisco José Vervloet, por exemplo, localizada na Praia do Canto, é construída no período de consolidação do bairro, décadas de 1950 e 1960, quando “o Novo

Arrabalde propriamente dito"[1] se consolida como área essencialmente residencial. Entretanto, já nas duas décadas seguintes se inicia a verticalização do bairro, intensificada a partir de meados de 1970 e responsável por transformações em sua tipologia edilícia ameaçadoras das qualidades e singularidades do bairro. Neste contexto de mudanças, de uso e ocupação do solo, infraestrutura e tipologias construtivas, a residência ainda se mantém conservada até a última virada de século. Sua demolição se dá em meio à fase mais expressiva das transformações do bairro da Praia do Canto e, assim como a maioria das edificações da Rua Constante Sodré, dá lugar a um edifício multifamiliar verticalizado, característico da região junto à tipologia comercial.

No segundo caso, na Residência Eli de Barros, apesar de também localizada na região do Novo Arrabalde, mas no Bairro Santa Helena, e diretamente influenciada pela construção e funcionamento da Terceira Ponte, mantém-se bastante conservada pelos mesmos proprietários iniciais, sendo uma das poucas resistências da região, onde a maioria é substituída por comércio e serviços ou edifícios verticalizados residenciais e institucionais. No entanto, como já explanado, a descaracterização referente a esta residência é resultado de modificações prévias a sua construção, partindo dos próprios proprietários, que não concordando com a estética proposta por Schwab, contratam um outro profissional para alterações, uma vez que a arquiteta defendia seu projeto inicial e se mantinha fiel ao seu repertório. Ainda assim, manteve-se a concepção planimétrica, exceto pequenas alterações, porém as soluções em fachada foram substancialmente modificadas, descaracterizando a obra e não sendo possível referenciá-la a estética de Maria do Carmo Schwab.

Já no último caso, a Residência Marco Aurélio dos Santos Gomes se localiza no morro do Barro Vermelho, no entorno da Praia do Canto e da Avenida Nossa Senhora da Penha, em uma área bastante ocupada, de caráter residencial, e que vem enfrentando um processo de transformação. Na área de contato direto com o bairro da Praia do Canto, reconhece-se um adensamento mais intensificado com grandes empreendimentos imobiliários, escondendo, inclusive parte da topografia natural do bairro Barro Vermelho. Contudo, no entorno imediato da residência, destaca-se uma maior variedade de tipologias e gabarito, intercalando edificações residenciais e comerciais de um a dois pavimentos com outras residenciais multifamiliares bastante verticalizadas. A residência se mantém bem conservada, ainda que com alguns problemas de manutenção e pequenas intervenções posteriores, preservando o repertório e as soluções técnicas adotadas por Schwab no projeto aprovado, garantidos, especialmente, pela permanência do imóvel com a família dos proprietários originais.

De toda forma, o padrão é contínuo por toda a cidade, reconhecendo maiores perdas nas grandes áreas de expansão e investimento imobiliário, que se modificam de forma muito veloz, e uma maior resistência em regiões que conseguem manter seu caráter residencial e, vezes, até bucólico, em meio à transformação urbana. Seguindo a mesma lógica funciona o processo de difusão destas obras no território, que acompanham, de maneira mais concentrada, os projetos de modernização das cidades, como a consolidação de novas regiões e bairros, execução de aterros, construção de eixos viários, entre outros. Poucas edificações são identificadas no interior do centro urbano, com destaque facilmente perceptível para ocupação das áreas litorâneas, tanto na cidade de Vitória, como em Vila Velha.

Ressalta-se, portanto, mais uma vez, a relevância do arquivo documental iconográfico como uma resistência alternativa às constantes perdas da arquitetura moderna; por isso a

[1] O Novo Arrabalde propriamente dito corresponde à área residencial prevista por Francisco Saturnino de Brito, em 1986, integrante do Novo Arrabalde. Integra o projeto: uma vila operária, uma vila hortícola e o Novo Arrabalde propriamente dito. Para um detalhamento da periodização histórica ver MENDONÇA. et al, 2009, p.76-113.

necessidade de desenvolver iniciativas de conservação dos acervos, qualificando o armazenamento, catalogação e manuseio. Além disso, deve-se buscar usufruir de dispositivos digitais, apostando nos meios de divulgação e no acesso democrático, para ampliar o alcance à sociedade e, também, a valorização dos arquivos documentais enquanto registros originais do processo de construção da própria cidade. Entende-se, este é um trabalho de pesquisa contínuo, que não se encerra, podendo ser alimentado e enriquecido conforme mais acervos sejam consultados, a fim de desenvolver um inventário cada vez mais completo, permitir a ampliação da discussão acerca da obra de Maria do Carmo Schwab e do modernismo capixaba e estimular as produções cientificas acerca do tema e o reconhecimento desta arquitetura.

Referências

BEBER, Claudia Emília Lobato Pedrosa. **Élio de Almeida Vianna e Maria do Carmo Schwab:** arquitetos modernistas. 1991. 95f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1991.

BORGO, Ivantir A. **UFES**: 40 Anos de História. 2. ed. Vitória: UFES, 1995.

GUTIÉRREZ, Ramón. Os arquivos de arquitetura no contexto latino-americano in **Arquitextos Vitruvius**, ano 01, n.008.8, jan. 2001. Disponível em: < http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.008/933/pt >. Acesso em 10 mar. 2018.

INHAN, G; MIRANDA, C; ALBERTO, K.C. Rudolph Atcon e o planejamento do campus da Universidade Federal do Espírito Santo. **Oculum Ensaios**. Campinas, v.13, n.2, p.237-254, dez. 2006.

MATTOS, João Bosco Silva; SILVA, Ana Cristina Lage da. **Memória da Arquitetura Capixaba – Catálogo dos Arquitetos**: Élio de Almeida Vianna e Maria do Carmo de Novaes Schwab. 1987. 139f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1987.

MENDONÇA, E. M. S. A atuação de Henrique de Novaes no urbanismo da cidade de Vitória. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 1., 2010, Rio de Janeiro. **Anais do I Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.** Rio de Janeiro: PROURB, 2010. p. 1-15.

MENDONÇA, E. M. S. et al. **Cidade prospectiva**. O projeto de Saturnino de Brito para Vitória. 1. ed. Vitória: EDUFES; São Paulo: Annablume, 2009. v.1. 116p.

MENEGHEL, Julia P. **A linguagem moderna na arquitetura capixaba**: a contribuição de Maria do Carmo Schwab. 2018. 313p. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

MENEGHEL, J. P. ALMEIDA, R. H. Arquitetura Moderna do Espírito Santo: Documentação e conservação da obra de Maria do Carmo Schwab. In: II Simpósio Científico 2018 – ICOMOS BRASIL, 2018. **Anais do II Simpósio Científico 2018 – ICOMOS BRASIL**. Belo Horizonte, 2018, v. 1. p.3476-3499.

MIRANDA, Clara Luiza. A arquitetura moderna brasileira: experiência e expectativa de modernização do Espírito Santo. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 9., 2011, Brasília. **Anais do 9º Seminário Docomomo Brasil: Interdisciplinaridade, experiência em documentação, preservação do patrimônio recente.** Brasilia: UnB-FAU, 2011. v.1.

MIRANDA, Clara Luiza. As referências carioca e mineira da arquitetura moderna do Espírito Santo. In: SEMINÁRIO DO.CO.MO.MO-MG. 1., 2010, Uberlândia. **Anais do I Seminário Docomomo-MG**: **Arquitetura e Urbanismo Modernos em Minas Gerais: novas fronteiras, novos cenários**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2010, v. 2.

MOREIRA, F. et al. O desafio da conservação dos acervos particulares de arquitetos modernos: o caso do Inventário Janete Costa. **Revista CPC**, n.20, p.137-158, 29 dez. 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/103264>. Acesso em: 12 mar. 2019.

MUÑOZ-VIÑAS, Salvador. **Contemporary Theory of Conservation**. London: Routledge, 2004.

MURTA, Luciana Mello. **Guia da Arquitetura Moderna Capixaba**. 2000. 68f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2000.